



RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Estevão Barbosa dos Santos*

José Luiz Müller**

RESUMO

Este trabalho aborda o tema relação professor-aluno, relacionando sua influência e suas implicações no processo de aprendizagem. Foram realizadas observações em uma sala de aula do 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal de Educação Básica Maria Aparecida Amaro de Souza, em Sinop, no Estado de Mato Grosso. Esta pesquisa teve como objetivo observar e descrever a interação professor-aluno no processo de Ensino-Aprendizagem usando como principais teóricos Paulo Freire e Mário Osório Marques. Concluiu-se que o processo de ensino-aprendizagem precisa avançar para possibilitar o educando se emancipar como um sujeito autônomo.

Palavras-chave: Educação. Relação professor-aluno. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Desde tenra idade, o aprendiz participa do processo de ensino-aprendizagem. Através da livre expressão, pois ela tende a imitar aqueles que a rodeiam. A relação que se dá entre professor-aluno poderá ir aumentando seu conhecimento, e autonomia enquanto ser histórico.

Partindo do pressuposto de que a relação entre professor e aluno pode e deve intensificar a interação entre o aprendiz e o aprendizado, teremos o favorecimento do processo educativo e a formação dos indivíduos. O trabalho do educador torna-se essencial para que ambos falem a mesma linguagem, auxiliando na aprendizagem do aprendiz.

*Graduando de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos do Professor Me. José Luiz Müller.

** Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

A relação professor-aluno merece destaque na discussão sobre a garantia do sucesso ou do fracasso dos alunos na escola. Frequentemente, ouve-se dos professores que a relação entre mestre e discípulo é essencial para o bom desempenho das aulas, nesse sentido o objetivo desta pesquisa foi verificar como se dá a relação professor-aluno e como suas implicações poderão influenciar no processo de ensino-aprendizagem. Para que haja na educação aprendizagem significativa e prazerosa, é preciso que o aluno e o professor sejam aliados.

Nosso objetivo gira em torno de uma educação em que o educando realiza as atividades propostas com interesse e motivação e não simplesmente reproduzir a alienação, coerção, exclusão e opressão. Nesse sentido é necessário que o educador compreenda o processo de aprendizagem e os fatores que nele interferem, mas, sobretudo, que percebam seus alunos respeitando suas peculiaridades e limitações.

2 METODOLOGIAS: sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa teve como objetivo observar e descrever a interação professor-aluno no processo de Ensino-Aprendizagem. Foram realizadas observações em uma sala de aula do 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal de Educação Básica Maria Aparecida Amaro de Souza situada na cidade de Sinop, no Estado de Mato Grosso (MT). Os sujeitos foram quatro professores do 5º Ano do ensino fundamental e os alunos que aceitaram participar dessa mesma classe.

2.2 OS MÉTODOS USADOS NA PESQUISA

Para a realização deste estudo não nos servimos apenas de um único método. A seguir, traremos algumas definições sobre os que utilizamos. Nos servimos da abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, que dá ao pesquisador a possibilidade de uso de questionários entrevistas e observação para uma maior interação com objeto de estudo.

Segundo Triviños (1987, p.131) “Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações.”.

Na coleta de dados nos servimos da pesquisa bibliográfica que, de acordo com Cruz (2010, p. 69) “[...] pode-se afirmar que a pesquisa bibliográfica visa ao conhecimento e à análise das principais teorias relacionadas a um tema e é parte indispensável de qualquer tipo

de pesquisa [...]”, assegura que “[...] procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses.” (Idem, p. 74).

Diante disso, a pesquisa bibliográfica já vem sendo feita desde o 3º semestre.

A coleta de dados foi elaborada através de observações, “[...] é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda, buscando a verificação de hipóteses.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 153).

Foram feitas entrevistas semiestruturadas. Por permitir flexibilidade ao entrevistador, assim possibilitando ao entrevistado que tenha mais espontaneidade em suas respostas.

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

3.3 ANÁLISE DE DADOS

Analisamos qual o método pedagógico predominante no ensino fundamental, se é o tradicional ou o libertador. Com isso podemos entender como acontece à interação entre alunos e professores dentro do cotidiano escolar.

Entende-se que o que predomina ainda é a cultura do silêncio o currículo padrão. Lida-se com a motivação como se esta fosse externa ao ato de estudar. As provas, a disciplina, os castigos, as recompensas, a promessa de emprego no futuro são considerados os motores da motivação, alienados do ato de aprender aqui e agora.

As escolas se transformam facilmente em espaço para venda de conhecimento o que corresponde à ideologia capitalista. “E o que é pior, as relações de sala de aula provocam alienação e silêncio” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 15) entende-se que o professor por estar acostumado se sentir detentor do conhecimento se desinteressa de libertar os educandos com medo de ser tachado como irresponsável. No entanto, a sala de aula é um lugar em que deveríamos pensar criticamente sobre as forças que interferem em nosso pensamento crítico, assim sendo, as salas de aulas libertadoras iluminam as condições em que nos encontramos para ajudar-nos a superar essas condições. Entretanto o que vemos é o oposto: a escola não tem contato com a população principalmente quando se fala de favelas e periferias com isso os alunos se dispersam se sentindo inferiorizados. Neste sentido Freire (2001, p.36) afirma que:

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar de intervir, de escolher de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós para ser. Não é possível pensar o ser humano longe sequer da ética, quanto mais fora.

A finalidade desta escola, que não tem espaço ou lugar para o diferente é formar uma minoria privilegiada que acabará por planejar o que os outros que foram excluídos ser no contexto histórico e acabaram cumprindo as ordens e os planos feitos pelos alunos do “poder e do saber”. Freire (1986 p. 23) afirma que “não é a educação que modela a sociedade, mas ao contrário a sociedade que modela a educação segundo o interesse dos que detém o poder” e que seria ingênuo demais pedir a classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela.

A ideologia dominante está dentro de nós e também controla a sociedade fora de nós. Se essa dominação interna e externa fosse completa definitivamente nunca poderíamos pensar na transformação social.

A transformação é possível porque a consciência não é espelho da realidade, simples reflexos, mas é reflexiva e refletora da realidade. Freire (1986) afirma que a ideologia dominante está inserida em nós até porque mesmo o dominado hipervaloriza o dominador em detrimento dele próprio. “O mundo não é feito de certezas. Mesmo que fosse, jamais saberíamos se algo era realmente certo. O mundo é feito da tensão entre certo e o incerto” (FREIRE, 1986, p. 39). Com essa afirmação, Freire deixa explícito que não podemos ter certeza de nenhum resultado muito menos de estigmatizar que o aluno não sabe, não apreende, não muda.

Freire (1986, p. 77) ainda diz que. “A questão dos métodos está diretamente vinculada à capacidade criativa e inventiva dos educadores políticos a criatividade exige evidentemente correr riscos” entende-se que em todas as inovações existem riscos e que para isso é preciso ter criatividade e coragem.

Percebe-se que, embora o capitalismo dificulte o trabalho do educador e do educando, é possível romper com a lógica do mercado e com isso ajudar o educando a se libertar da opressão imposta pelo sistema.

Em se tratando de desenvolver uma relação dialógica no processo educativo, é necessário exercer não apenas o conhecimento teórico, como também é preciso não perder o foco no projeto libertador no intuito de uma sociedade pensante, crítica, politizada e com muito diálogo. Para que com isso tenhamos uma cultura de modificação do modo de produção dominante.

Não gostaria de ser homem ou de ser mulher se a impossibilidade de mudar o mundo fosse algo tão óbvio quanto é óbvio que os sábados precedem os domingos. Não gostaria de ser mulher ou homem se a impossibilidade de mudar o mundo fosse verdade objetiva que puramente se constatasse e em torno de que nada se pudesse discutir. (FREIRE, 2000, p. 20).

Para que isso aconteça são necessários educadores que não tenham medo de ousar, um sistema educacional que não trabalhe em função de formar para o mercado que só quer ‘máquinas’ para usar como bem entender.

No processo de ensino e aprendizagem surgem dúvidas e incertezas geradas por diversos condicionamentos que vão desde a falta de formação geral do profissional da educação até a inércia do Estado.

Foi possível constata que há uma busca pelo aprendizado de todos, no entanto, o que foi observado apesar de confirmar sim esta preocupação com o a formação continuada é que o Estado e sistema ainda caminham em passos lentos prejudicando diretamente o educador na formação de qualidade Neste sentido Marques (1995, p.11) afirma que:

Em especial não pode haver educação escolar de qualidade entendidas como ação proposital lúcida, enquanto não nos entendermos os educadores sobre o que se constitui em aprendizagem válida, por que e como aprendem os alunos, sob quais motivações internas e estímulos externos, e a que nível de organização na escola e na sala de aula; e enquanto não estabelecemos consenso sobre o compromisso solidário de uma atuação docente, cônica de suas intransferíveis responsabilidades, de seus requisitos e das competências demandadas.

Infelizmente o que fica implícito no modelo de educação observado e que a educação é simplesmente voltada para o mundo do trabalho sem levar em consideração os interesses e as peculiaridades do aprendiz.

Do ponto de vista, porém, dos interesses dominantes, é fundamental defender uma prática educativa neutra, que se contente com o puro ensino, se é que isto existe, ou com a pura transmissão asséptica de conteúdos, como se fosse possível, por exemplo, falar da “inchação” dos centros urbanos brasileiros sem discutir a reforma agrária e a oposição a ela feita pelas forças retrógradas do país. Como se fosse possível ensinar não importa o quê, lavando as mãos, indiferentemente, diante do quadro de miséria e de aflição a que se acha submetida a maioria de nossa população. (FREIRE, 2001, p. 49).

Para promover a aprendizagem significativa do sujeito, precisamos acreditar na causa fundamental de transformação social, no entanto o que foi observado nas observações e que isso não ocorre ou não ocorreu em nenhuma das aulas observadas neste sentido Marques (1995, p. 112) ancora nossos objetivos quando afirma que:

A afetividade, o respeito mútuo e professores bem preparados já é a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si. Currículos, programas, matérias, e materiais do ensino, e técnicas: tudo o mais são apenas pretextos para a densidade da relação que se estabelece entre homens que se respeitam e admiram. Constituem-se a docência e a aprendizagem no relacionamento pedagógico da palavra da ação e da ação da palavra, pelas quais os sujeitos se fazem singularizados em sua genericidade humana.

Todos nós gostamos quando algo que dedicamos seja bem explicado para nos orientar neste sentido “a perspectiva do mundo da vida não pode ignorar a perspectiva do sistema, que transcende os interesses e motivação de atores individuais envolvidos em situações concretas” (MARQUES, 1995, p. 27).

Com estas afirmações entendemos que é possível minar o sistema preestabelecido visto que o professor embora não tenha autonomia ilimitada pode e deve ser o mediador da aprendizagem do aprendiz para tanto precisa ter visão e conhecer seus educandos reconhecendo-os no processo e dando voz a este no sentido de saber suas limitações anseios e frustrações para com isso possibilitar um desfecho em que o discípulo entenda e caminhe nas direções contrárias da opressão e do capital.

A educação tem sentido porque o mundo não é, necessariamente, isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação. (FREIRE, 2000, p. 20).

Assim para os professores, e todos os envolvidos na prática pedagógica, devem agir com comprometimento, buscando um ensino de aprendizagem que ajuste as capacidades cognitivas dos alunos, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade. A compreensão do limite e alcance lógico das explicações.

Infelizmente o sistema educacional brasileiro está a serviço do capital para o mercado de trabalho em detrimento da emancipação e autonomia do sujeito. E o que é pior, para muitos, a autonomia e o bem estar consistem num bom emprego e num bom salário, o que geraria a satisfação humana plena.

Mais do que de propor novas teorias, mesmo que a partir das práticas mais recentes, necessitamos que os educadores retomem nossa reflexão desde um nível anterior às práticas e as teorias. (MARQUES, 1995, p.11).

Percebemos que falta ao professor dinâmica, estratégia e, o mais importante relação dialógica com seu aprendiz, porque se assim fosse o professor saberia que os educandos não gostam de ter somente o livro didático para ancorar os seu aprendizado significativo. Neste objetivo Freire (1997, p. 19) afirma que;

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer.

Ficou claro nas observações e entrevistas que os professores precisam e devem perceber seus aprendizes para que a educação na seja um fazer a serviço do capital uma vez que percebe se que em suas práticas priorizam o não pensar crítico, porque não foi percebido e nenhum momento a liberdade de expressão do educando na contra mão de uma educação emancipatória

Se assim continuar sendo o profissional da educação ficará sempre refém do capital e desenvolverá um trabalho pesado no sentido de estar sempre descontente com algo. Ou é o salário que não está a contento ou é a sala que não presta, ou ainda, os pais que não ajudam seus filhos a avançar no conhecimento significativo.

Faz-se necessário reconhecer que escola é um espaço de construção de vários tipos de conhecimento e interação, e que o sistema governamental deve ter uma política diferenciada em relação a dogmas, para que esta se torne eficiente, favorecendo um ensino de qualidade.

A legislação é bem clara ao definir a Educação Básica sem objetivos de promoção, visando o desenvolvimento integral da criança.

O sistema de ensino apresenta sempre novas rupturas dentro das quais parece que o verdadeiro sujeito da aprendizagem desaparece. O sujeito é também, às vezes, reduzido sob o pretexto da necessidade de desenvolver as capacidades latentes de cidadão. Também compreendemos que no mundo a educação preenche uma função ideológica e serve a interesses de classe.

A aprendizagem ao longo da vida justifica-se como direito da pessoa e como necessidade da profissão, mas não como obrigação ou constrangimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações e entrevistas e ancorado nos teóricos tomados como referência para nossas análises, podemos afirmar que o sistema educativo formal vigente precisa, impreterivelmente, inovar e transformar no sentido de aceitar o aprendiz e mediar-lhe um bom conhecimento científico para facilitar a relação entre professor e aluno. Neste sentido queremos;

Que o dizer do professor não se transforma em um “tenho dito”, mas que seja para o aluno uma abertura a novas possibilidades, a novas maneiras de enxergar e entender o mundo. Que o avaliar de seu aluno, abra lhe novos horizontes, fazendo-o entender o porquê de seus erros e acertos dentro dos limites de suas possibilidades (SANTOS 2006, p.61)

Se assim continuar sendo a sala de aula acabará por se tornar, não um espaço de busca incessante pelo conhecimento, e sim uma sala de aula vulgar igualmente a que Marques (1995, p. 112) descreve:

A sala de aula vulgar e inexpressiva, sem uma identidade em que se perceba a identidade dos alunos e professores que dela fazem espaço de aprendizagem na mediação da docência, revela um ensino pobre e uma aprendizagem amorfa. Os lugares habitados configuram-se aos hábitos de vida, pensamento e ação dos que os habitam. Igualmente, torna-se pobre a sala de aula que não tem memória, isto é, que registra seu processo: os temas tratados, as atividades desenvolvidas, as discussões e sistematizações.

Para finalizar sabemos que a educação vem avançando em passos lentos e se assim for jamais alcançará o objetivo maior que é transformar o sujeito em um ser pensante emancipado e com autonomia para reconhecer e exercer seu direito de ir e vir sem grandes, opressão do capital. Neste sentido Freire (2000, p.36) afirma que:

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos. Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e “morno”, que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política.

Ancorado nas reflexões supracitadas concluímos que superar ou minar o sistema preestabelecido e vigente é difícil mas é possível com educadores engajado e preparados para luta contínua, que é a educação além de ser um campo do saber científico, se revela um campo de batalha, batalha esta contra os poderes sem igual do capital a opressão e miséria da elite dominante, que arrasta muitos para a sarjeta da sociedade, com o simples objetivo de fazer deste nada mais que escravo da força sem igual do mercado.

RELATIONSHIP TEACHER-STUDENT AND THEIR IMPLICATIONS IN THE PROCESS OF THE TEACHING-LEARNING

ABSTRACT¹

This work approach the topic relationship teacher-student, relating its influence and its implications in the process of learning. Were accomplished observations in a classroom of the 5th year of Elementary Teaching in the School Municipal of Basic Education Maria Aparecida Amaro de Souza, in Sinop, in the State of Mato Grosso. This research had how objective observe and describe the interaction teacher-student in the process teaching-learning using how main theoreticians Paulo Freire and Mário Osório Marques. Concluded-if what the process of teaching-learning needs to advance for enable the student if emancipate how an autonomous subject.

Keywords: Education. Relationship teacher-student. Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. **Metodologia da pesquisa científica**: administração III. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

FREIRE, Paulo, **Política e educação**: 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da indignação**: São Paulo: UNESP, 2000.

_____; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência**. Ijuí: ed. Unijui, 1995.

¹ Tradução realizada pela Euzélia David Dias (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. Os dez mandamentos do professor. In: _____ ;
PICOLI, Fiorelo (Orgs.). **Educação - do Pedagógico ao Econômico**. Sinop: Ed.Unemat,
2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa
qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.